

ABEL SALAZAR: «O PAVOR DO VULTO QUE ALASTRA E DESMISTIFICA»

NA inauguração há dias de um pavilhão-anexo à Casa Museu de Abel Salazar, o escritor e director-adjunto do nosso colega «Diário de Lisboa», José Cardoso Pires, proferiu uma conferência, da qual extraímos as seguintes passagens sobre o grande cientista, artista e comunista, que foi o professor A. Salazar:

«Uma geração à margem da vitória sobre o nazismo; uma juventude traída e forjada no desespero; um despertar cultural de antemão colonizado — já se sabe — pela França, açaimado por um ensino teocrático, pela frustração cívica, pelo isolacionismo, pelo velho, pelos velhos, velhíssimos desde o umbigo — uma geração assim, a minha, formou-se ao acaso das contradições e com os vícios de uma ausência de sistematização.

Vivíamos numa oposição pragmática, como se calcula. Tínhamos apenas a dar-nos alento os pioneiros do neo-realismo com todo o entusiasmo que essa corrente continha e — ponto fundamental — com toda a força unitária do seu conteúdo marxista: filosofia, arte e ciência constituindo um todo de relações para a explicação do homem.

E no entanto, já alguns anos antes desse debate em que cada um de nós procurava organizar-se em projecto de escritor ou de artista, já então um mestre da Ciência, daqui e da nossa hora comum, tinha lançado em termos claros e pedagógicos algumas das coordenadas mais sólidas para o traçado da nossa orientação. Estavam no *Sol Nascente* e no *Diabo*, sobretudo — precisamente as duas revistas onde a geração anterior, a mais irmã da nossa, tinha feito a sua aprendizagem.

Descobrimo-las mais tarde: Pela parte que me toca, eu, *mea culpa*, só depois da morte de Abel Salazar li esses artigos com olhos de ler. E a verdade é que estavam lá os sinais que nos tinham faltado e que com tanto desperdício e erro andámos procurando.

... De tudo, o que prevalece e domina na gigantesca memória a corpo inteiro de Abel Salazar é o volumoso caudal de ciência e de teorização derramado por todos os territórios do homem. Quando muito essas baixas de nível são os tais espaços superficiais que, ao cabo e ao resto, servem ainda para definir o sentido das profundas e tumultuosas correntes do saber. E foi isso que ele procurou e conseguiu: destruir a visão estática (ou mística), concretizar relações que unem a matéria à forma, a razão ao belo. Sistematizar.

Mais de vinte anos sobre este trecho... de Abel Salazar iriam surgir na União Soviética, Alemanha e Estados Unidos as primeiras aplicações da estatística matemática à análise das relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita, através de textos poéticos. Desta «teoria das probabilidades do verso» têm-se obtido algumas formulações científicas dos princípios da intuição e da modulação da actividade intelectual que paralelamente são do maior interesse para o avanço da angiografia).

... Explicá-la nas leituras possíveis que ela oferece: através do microscópio e da linguagem matemática, através da teorização, do colóquio escolar, da caracterologia, da crónica de viagem, do desenho e da pintura, do barro e do bronze. A car-

golpe que o fascismo lhe vibrara estava também escrito — e seria como que um segundo aviso do Mestre — que na sua tarefa «se esforçava igualmente, embora por outros processos, o moço e já ilustre matemático Rui Luís Gomes, bem como noutro campo o professor Caraça».

A «aurea mediocritas» que até ao 25 de Abril reinou na Universidade compreende agora a estreiteza dos seus juízos e a mesquinhez da sua memória cultural. Ela só ficará na História pelos crimes e subserviências que apadrinhou, talvez em

pé de página e em corpo seis quando se falar de expurgos culturais, demissões, denúncias e da extensa lista de vítimas que corajosamente não venderam o saber e a honra ao ao dirigismo obscurantista. É bom que os polícias culturais ainda vivos levantem o capelo e ouçam: que essa é a única oportunidade de nos lembrarmos dos seus nomes. E que compreendam como estão vivos aqueles que se empenharam em destruir e estão aqui connosco neste lugar à volta de um dos maiores portugueses do nosso tempo: Abel Salazar, Mestre e Cidadão».

■ por JOSÉ CARDOSO PIRES

ga energética de um homem de tamanha dimensão não podia estancar-se nem ser neutralizada. Pressupunha acção múltipla, movimentação; incitação ao diálogo; entrega.

E foi precisamente isso que assustou o fascismo, o pavor do vulto que alastra e desmisticifica. Violenta e desesperadamente, iniciou-lhe a perseguição. Mas, estava escrito, tinha-o dito o próprio Abel Salazar, «a ética intelectual manda estudar os métodos do adversário antes de os combater». (Assim, no estilo preciso das instruções de campanha). Sem ética mas com servilismo os administradores da cultura esconderam-se na máscara do desprezo e ignoraram o aviso.

Mas se erraram em relação a ele, errariam em relação ao futuro, persistindo em não o ouvir. É que um cidadão, um Mestre como Abel Salazar não nasce e morre isolado, faz parte do processo duma nação, *consta* dela e dos homens que a continuam. Tanto que já muito antes do